



MUNDINHO

Uma série escrita por Ricky Mastro e Léon Diana

O QUE É O MUNDINHO?

Mundinho é uma gostosa viagem no tempo que mostra como a juventude paulistana LGBTQIA+ viveu nos últimos sessenta anos. A ideia é que o público possa não apenas assistir aos episódios, mas que lhe seja dado a oportunidade de vivenciar ao lado das personagens o glamour dos shows de travestis dos anos 1970, o pânico que adveio da descoberta da aids nos anos 80, a cena LGBTQIA+ se tornando pauta nos programas de auditório de domingo nos 90, a consolidação do traficante de classe média e a ascensão dos jovens da classe C, já no início do novo século. Conforme o tempo foi passando, os clubes saíram do centro, passaram por bairros nobres e chegaram até as periferias. Por fim, há a popularização das drogas sintéticas e das festas de sexo, até a pandemia que mudou o mundo. Cada história será vivida por jovens sem os estereótipos e cacoetes comuns a este público quando representados na ficção nacional.



1976

E NASCE UMA ESTRELA

Carlinhos chega em São Paulo com a esperança de ter um futuro melhor. Descobre o centro da cidade, decide ir para um cinemão para explorar a sua sexualidade e tem a sua mochila com todos os seus pertences roubados. Devido ao seu jeito afeminado, não consegue ficar na pensão que a sua mãe pagou e acaba sendo ajudado pela travesti Rafaela. Nos meses que seguem, enquanto o Brasil vive uma abertura democrática, a vida de Carlinhos muda de uma maneira que ele nunca sonhou.

1988

PRAZER PROIBIDO

Às vésperas do vestibular um grupo de amigos vão descobrir o amor, a sexualidade e o luto durante o auge da epidemia de aids. Lauro, Caca e Caio apesar de terem estudado em colégios diferentes, fazem o mesmo curso pré-vestibular na área de humanas. Lauro, o sex symbol da sua turma, irá engravidar a filha de sua empregada Maria, Cida, e vai enfrentar a epidemia de aids se contaminando através dos seus diversos encontros com meninos e meninas nas baladas paulistanas. Caca a sua noiva desde criança vai mudar para o interior para lutar contra a doença. O único que vai sobreviver é Caio, eterno apaixonado por Lauro e amante dele secreto nos intervalos das aulas.

1996

SOMOS FASHIONISTAS

Iremos acompanhar o início e o término do reinado de um casal de famosas traficantes de classe média formado por uma travesti chamada Erika e sua namorada lésbica, Gláucia que serão presas em flagrantes no final do episódio. André, melhor amigo de Erika e seu personal stylist, vai se tornar a estrela do recém criado evento de moda da cidade. Mauro, DJ e dançarino, vai enriquecer com o sucesso das noites da sua boate que se tornará um QG de celebridades.

2016

AINDA SOMOS REVOLUCIONÁRIOS

Enquanto Rosa passa o seu dia em manifestações contra o governo Temer, Rita dedica a sua vida à sua mais nova paixão: a igreja evangélica onde prega o pastor que é apaixonado por ela. Revoltada com o comportamento bissexual que ela considera libertino de sua irmã, ela vai acabar por dar duas facadas em suas costas como fim de uma discussão matinal de um domingo de primavera.

2003

TOM

Tom descobre que o seu destino de feirante pode mudar radicalmente quando ele começa a frequentar uma nova boate em um bairro nobre de São Paulo e uma série de oportunidades acontecem que vão levar ele do paraíso ao inferno em menos de um ano.

2021

SOBREVIVEREMOS?

Tatico descobre que nos tempos de pandemia através dos seus videos amadores na plataforma Onlyfans ele vai poder pagar não apenas o seu vício de entorpecentes mas o aluguel do apartamento de sua mãe que mora em Campo Grande.



O CONCEITO POR TRÁS DO MUNDINHO

Mundinho é uma série de 6 episódios que conta a passagem da vida adulta de quatro jovens da comunidade LGBTQIA+ no centro de São Paulo nos últimos sessenta anos. Cada episódio, que contará sempre com o mesmo elenco de atrizes e atores entre 18 a 20 anos, vai mostrar as dificuldades, desejos, objetivos e amores desses rapazes e moças que têm que sobreviver em uma das maiores megalópoles do mundo.

A ideia da série é mostrar a vida como ela é. Essas narrativas da vida real não podem ser esquecidas pois o avanço dos LGBTQIA+ se deu em grande parte pelas batalhas que foram travadas na calada da noite dentro dessas caixas pretas. Esses heróis e heroínas expressam e celebram através da dança e da música as suas vitórias, derrotas e o luto precoce que infelizmente até hoje é presente dentro dessa comunidade.

Os diferentes personagens que vão ter sexualidade e gêneros diferentes dependendo do episódio são milimetricamente construídos por esse elenco que vai fugir dos estereótipos que ainda vemos nas telas.

O mundo onírico é presente em todos os episódios do Mundinho. Essa realidade paralela será apresentada através de devaneios, fantasias, alucinações e sonhos onde as personagens podem ser elas mesmas sem medo de julgamento ou preconceitos. Hoje em dia sonhar é um privilégio, mas ele sempre foi necessário para aqueles e aquelas que durante muito tempo viveram nas margens da sociedade.

No Mundinho iremos acompanhar a juventude de cada década começando nos anos 70 e indo até o primeiro ano da pandemia do Covid 19. São sessenta anos de mudanças e transformações numa sociedade que viveu o final da ditadura militar, a epidemia e o medo de uma doença desconhecida, a primeira parada GLS, a ascensão da classe C, a explosão do consumo das drogas sintéticas e por fim o fechamento das boates em 2020.

Mundinho é para todas as idades, classes sociais, sem distinção de gênero ou identidade sexual. Acompanharemos os desafios que esses quatro jovens enfrentarão para se tornar adultos em cada década. Os mais velhos vão poder enfim ter as suas histórias contadas nas telas. Os mais novos entenderão como chegamos aqui. Os espectadores passarão por um turbilhão de sentimentos, sempre com um leve sorriso no rosto.

Mundinho é a descoberta de uma São Paulo que acolhe esses jovens desde sempre, mas que cobra sem pestanejar um bilhete bem caro para a vida adulta.





O MUNDINHO ASSIM COMO A PISTA DE DANÇA É DE TODES

O clube foi um lugar de encontro dos jovens da comunidade LGBTQIA+ paulistana dos anos 70 até pelo menos a última década. A boate foi e é um playground seguro para aqueles que muitas vezes são discriminados na nossa sociedade e não podem exercer a sua identidade. Por isso que decidi contar no Mundinho as histórias que eu ouvi, vivi e imaginei em todos esses anos que frequento a noite LGBTQIA+ paulistana. Cada episódio terá o seu night club que os nossos personagens irão frequentar.

Ainda lembro, aos 17 anos, sonhar em ir ao Massivo e poder ferver na pista, mas infelizmente foi apenas alguns anos mais tarde que tomei coragem e comecei a sair. O primeiro clube que eu fui, foi o Ultralounge que ficava nos Jardins. Na primeira vez que estive lá conheci Billy, o chefe do bar, que acabou virando meu amigo e confidente me relatando todas as histórias desse lugar que tinha recém aberto as portas. Os meus encontros com Billy me permitiram conhecer toda a equipe do Ultralounge e em menos de um ano estava trabalhando com eles.

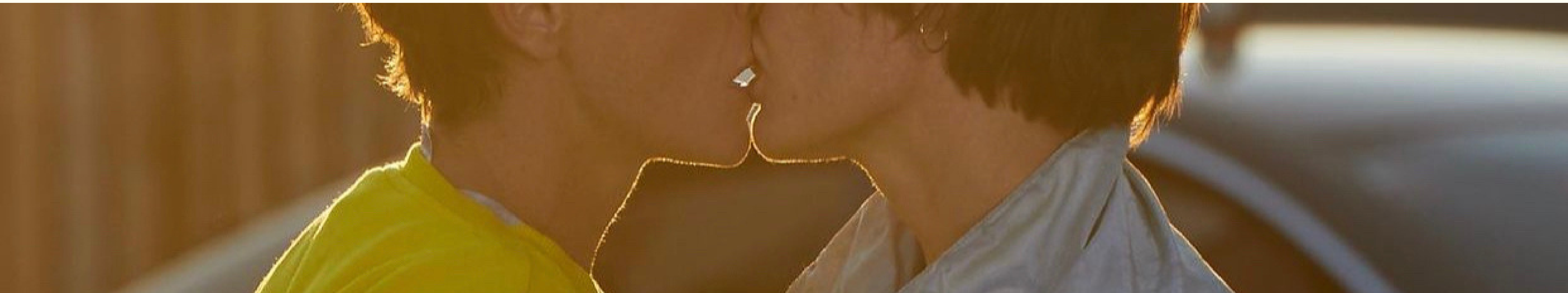
A noite fez parte da minha trajetória durante quase dez anos. Cresci, conheci pessoas, me apaixonei por algumas delas e perdi vários amigos, tudo aconteceu naquele espaço, naquela caixa preta que se transformou na minha vida.

Ao mesmo tempo, a vontade de fazer cinema renasceu em mim e eu acabei voltando para a faculdade e desde então faço questão de retratar nas telas a minha comunidade que até então era vista de maneira estereotipada e cheia de cacoetes. Muita coisa mudou desde então, mas sempre me sentirei um Club Kid, apelido que eu dava aos clientes que frequentavam as noites que eu produzia no Ultralounge.

Quando eu comecei a escrever o Mundinho, duas pessoas que marcaram muito a minha trajetória faleceram: Mauro Borges com quem eu trabalhei nas festas e até fiz um programa de rádio aos domingos e o próprio Billy.

Um dia o Billy disse para mim que os Club Kids não morriam: eles sumiam e se apagavam da memória das pessoas. Mas agora tudo mudou. Iremos poder ver nas telas a trajetória dos Club Kids de cada década e em cada episódio poder viver e sonhar com eles.

Ricky Mastro





COMO SERÁ O MUNDINHO?

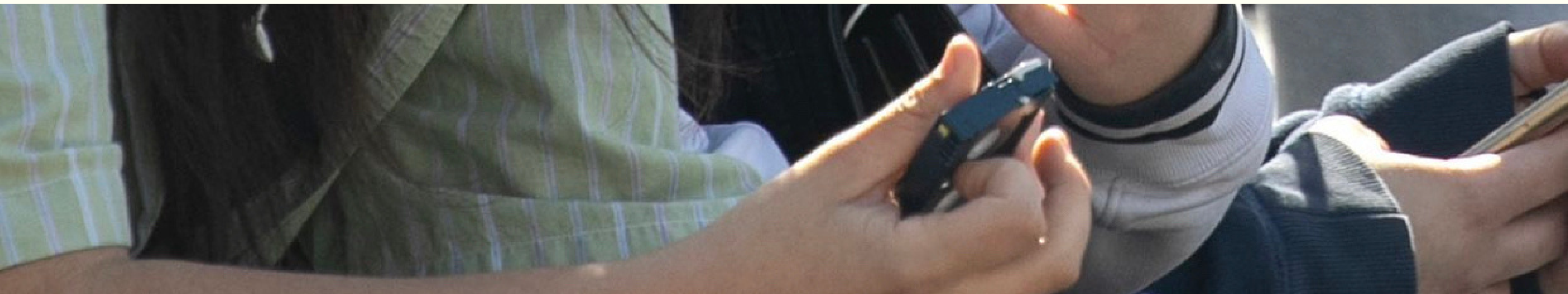
Teremos um elenco fixo de jovens atores que tenham verdadeiramente entre 18 a 22 anos. Essa escolha é para fazer transpirar na tela a sensação de viver o hoje como se não houvesse o amanhã. Uma juventude que muda conforme as décadas, mas se mantém fiel à intensidade de viver a vida.

A trilha sonora de cada episódio recebe também uma atenção especial. A base a ser colocada em evidência partirá de hits que os DJs tocavam em cada uma dessas décadas pelas quais a trama for passando. A música sairá da pista de dança para fazer parte do dia a dia dos personagens.

A série Mundinho traz a cada geração um gostoso sentimento de nostalgia e saudade onde os espectadores sintam em cada episódio como foi se tornar adulto naquela época. Uma maneira de registrar a vida desses jovens e deixar que elas não sejam esquecidas.

A fotografia é outro ponto de destaque, e para tanto será bastante apurada. Através dela, o ordinário poderá ser visto como belo, assim como percebemos a realidade ao vivenciá-la na noite onde os nossos personagens passam a maior parte do tempo. São Paulo vai ser mostrada de uma forma que não a vemos nos filmes. A ideia é de revelar um outro ponto de vista sobre a cidade, ressaltando suas belezas escondidas do público comum, lugares que apenas as personagens do Mundinho conhecem.

Para tanto, a câmera é generosa com os ambientes e com os corpos que neles circulam, por meio do emprego de planos fixos ou adotando movimentos fluidos e lentos. Não se trata de um registro feito à mão, acompanhando os protagonistas em suas andanças pelas ruas. O olhar permiti deslocamentos diante de si, inseridos nesses cenários. A imagem é marcada por planos abertos e compostos por estes trajetos. Essa gentileza será empregada também no tratamento dos corpos. A câmera mostra um corpo que deseja e é desejado e que ambiciona ser tocado se aproximando dele. Os planos irão procurar por texturas e singularidades, revelando uma sensualidade cotidiana. A imagem desses corpos será marcada pelo calor, suor e tons de pele quentes.



CLUB KIDS



RICKY MASTRO e LÉON DIANA se encontraram durante o projeto 7 minutos, primeiro longa-metragem de Ricky produzido pela dupla. Durante as filmagens, ambos perceberam a vontade que tinham em fazer o mesmo estilo de cinema. Além do mais, compartilhavam o mesmo objetivo de tornar realidade as suas histórias através da força do trabalho e da determinação. Enquanto faziam a pós-produção de 7 minutos, começaram a escrever um novo longa, Os Invisíveis, que tem como produtor Daniel van Hoogstraten da Syndrome Films. O trabalho a dois transformou-se em uma maneira de aprenderem a fazer cinema e em força para continuarem a fazer filmes. Ricky e Léon também desenvolvem um novo longa-metragem chamado Giulia.



RAFAELLA COSTA, fundadora da Manjeriçã Filmes, é uma produtora de São Paulo, formada em Cinema e Negócios pela Fundação Getulio Vargas (FGV). Entre seus principais trabalhos, está o longa de Caru Alves de Souza Meu Nome é Bagdá (2020), que ganhou o prêmio de Melhor Filme na Berlinale Generation 14plus. Foi lançado comercialmente no Brasil em setembro de 2021, depois em mais de 100 cinemas na França. Atualmente está licenciado para o Disney+ em toda a América Latina e México. Paralelamente, atua como produtora executiva das mais aclamadas produtoras brasileiras, produzindo séries para HBO, FOX e Disney Channel. Outros longas de Costa são: De Menor (2014), também dirigido por Caru Alves de Souza, vencedor no Festival do Rio; La Fiesta Silenciosa (2019), uma coprodução com a Argentina; Sequestro Relâmpago (2018) e Trago Comigo (2016), ambos dirigidos por Tata Amaral; além de Praia do Futuro (2014), de Karim Aïnouz, indicado ao Urso de Ouro no Festival de Berlim.



A MANJERICÃO FILMES é uma produtora independente dedicada à criação e desenvolvimento de projetos para cinema e televisão, com foco em representatividade, autoria e vocação internacional. Fundada em 2007 por Rafaella Costa, trabalha com um seleto número de projetos focados em conteúdo de qualidade artística. Sua atuação se dá executiva e criativamente através da parceria com diretores em coproduções de sucesso, como no longa Meu Nome é Bagdá (2020), de Caru Alves de Souza, que teve sua estreia mundial na Mostra Generation 14plus do 70º Festival de Berlin e foi o grande vencedor do Crystal Bear de Melhor Filme do Júri Internacional.

Dentre os demais longas da produtora, estão La Fiesta Silenciosa (2020) de Diego Fried, uma coprodução com a Aramos Cine (Argentina) que teve sua estreia mundial no 34º Festival de Mar del Plata; Sequestro Relâmpago (2018) e Trago Comigo (2016), ambos dirigidos por Tata Amaral, em coprodução com Tangerina Entretenimento e Globo Filmes, e De Menor (2014), de Caru Alves de Souza, que teve estreia mundial no 61º Festival de San Sebastian, foi vencedor do 15º Festival Internacional de Cinema do Rio e obteve distribuição pela HBO Latin America.

